



SOLA SCRIPTURA

RECURSOS PARA PASTORES E LÍDERES QUE DESEJAM MANEJAR BEM A PALAVRA DA VERDADE

Ano III

Nº 3

MARAVILHOSA GRAÇA₃



**A Natureza da Graça de Deus
A Necessidade da Graça de Deus
A Graça de Deus na Salvação
A Dispensação da Graça de Deus
A Graça de Deus na Vida Cristã**

Ainda Nesta Edição:

ESTUDO BÍBLICO

“Mantenham-se Firmes Na Graça De Deus”

TEOLOGIA DISPENSACIONAL

“O Que É Uma Dispensação?”

Na Próxima Edição:

**O Conflito Interior
De Um Cessacionista**

EDITORIAL

Em meus mais de 20 anos de ministério como pregador da Palavra de Deus, creio ter pregado mais sermões sobre a Graça de Deus do que sobre qualquer outro tema.

Falta de inspiração? Bem, alguns dos meus ouvintes poderiam pensar assim!

Eu, contudo, prefiro crer que o fiz movido por um senso de grande convicção, ou por que não dizer, por uma incontável paixão pelo que a Graça de Deus significa, e acima de tudo pelo que a Graça de Deus significa para mim.

É impossível imaginar quem eu seria ou onde eu estaria se a graça de Deus não tivesse me alcançado quando ainda um adolescente. Creio que o mesmo sentimento é verdade quanto a você, amigo leitor.

Graça é o que o mundo mais necessita. Graça é algo que o mundo não pode imitar. Graça é a mais importante contribuição que o genuíno cristianismo pode dar ao mundo; somente a graça de Deus pode oferecer esperança; somente a graça de Deus transforma; somente a graça de Deus pode destruir os muros que construímos ao redor de nós mesmos. Em um mundo marcado pela crueldade e o ódio, a graça se destaca como a única força capaz de sobrepujar as atrocidades do holocausto, o ódio e brutalidade do terrorismo, o círculo vicioso dos conflitos armados, a intolerância religiosa e o conflito interior que dilacera a alma humana.

Entretanto, sempre que me ponho a refletir sobre a graça de Deus, um misto de maravilha e temor se apossa de mim. Isso porque, o único repositório de graça nesse mundo é a Igreja do Senhor Jesus Cristo. Em outras palavras, eu e você somos instrumentos nas mãos de Deus para proclamar e, porque não dizer, para encarnar a Sua graça.

Nessa edição buscaremos refletir juntos sobre o que a graça de Deus significa e como podemos verdadeiramente ser seus fiéis dispenseiros em um mundo muito mais acostumado ao ódio e a crueldade do que ao amor e a misericórdia.

Para obter uma visão mais ampla (e muito mais bem escrita) do significado da graça de Deus, eu recomendo a leitura do livro Maravilhosa Graça, de Philip Yancey, que me serviu de inspiração e fonte para os artigos a seguir.

Se você já é assinante do nosso jornal ainda receberá mais um número gratuitamente. Se você ainda não fez sua assinatura, preencha e envie o cupom em anexo para receber gratuitamente o próximo número do **Sola Scriptura**.

Na oportunidade, pedimos perdão aos nossos “pacientes” assinantes pelo atraso no envio dessa edição. Nosso trabalho, ainda que sincero e sério, é “amador”. De fato, essa é uma das razões de ainda não cobrarmos assinaturas dos irmãos. Somente o faremos quando implantarmos uma logística que nos permita ser eficientes na produção e distribuição do nosso jornal. Muito nos ajudaria, se alguns dos nossos assinantes preferissem receber uma versão eletrônica do jornal em formato PDF. Se você gostaria de fazê-lo envie um e-mail para solascriptura@terra.com.br, informando seu nome, igreja e função.

Na graça de Cristo Jesus,

Pr. Urian Rios

Expediente

Ano III - Nº 3



Editor Responsável: Pr. Urian Rios
Tradutores: Pr. Urian Rios, Jule Rose Rios
Secretária de Redação: Jule Rose Rios

Correspondência
Caixa Postal 4112 - Ag. Boa Viagem
Recife, PE - 51021-970
E-mail: solascriptura@terra.com.br

A Natureza Da Graça De Deus

Em seu livro “Maravilhosa Graça”, o escritor Philip Yancey ilustra a elevada estimativa que C. S. Lewis fazia da importância da graça de Deus na fé cristã. Ele conta que em uma conferência britânica sobre religiões comparadas, eruditos de todo o mundo se debruçaram sobre uma difícil questão: qual seria a mais vital e singular crença do cristianismo?

Algumas opções foram ventiladas mas logo depois descartadas. Enquanto a discussão ainda seguia sem muita perspectiva de resolução, C.S. Lewis entrou no recinto. Quando informado do que se tratava a discussão ele responde sem pestanejar:

- “Oh. Isso é fácil. É a graça.”

Sem reservas eu concordo com Lewis.

No coração do evangelho reside a suprema verdade que Deus nos aceita como nós somos e apesar de quem nós somos, quando pela fé depositamos nossa irrestrita confiança no sacrifício substitutivo de seu Filho, Cristo Jesus.

Sem a menor sombra de dúvida, a idéia de que o amor de Deus nos alcança apesar de quem somos, livremente, sem pedir nada em troca é totalmente extranha a tudo que somos e que nos cerca. De fato, para alguns essa idéia é até mesmo ofensiva.

Nós vivemos em sua sociedade baseada e movida pelo mérito. A Ford americana classifica seus funcionários em uma escala que vai de 1-27. Aqueles que atingem o grau nove recebem uma vaga no estacionamento, ao atingir o grau treze o funcionário ganha o direito de uma sala com janela, enquanto que os escritórios de grau dezesseis são equipados com banheiros privativos.

Se isso é verdadeiro nas relações sociais, também o é no terreno religioso. O caminho de oito passos do Budismo, a doutrina hindu do Karma, a aliança judaica, o código de lei múçulmana, a submissão aos sacramentos, as promessas e penitências no catolicismo, são alguns exemplos de tentativas humanas de alcançar o favor e a aprovação divina.

Se você perguntar às pessoas como

alguém pode ser salvo, quase que universalmente suas respostas girarão em torno de algo que você deve fazer ou deixar de fazer. A idéia de mérito conquistado com certeza norteará suas respostas.

Somente o genuíno cristianismo se atreve a reivindicar que nossa relação com Deus é baseada exclusivamente em sua graça e não nos méritos humanos. Somente o genuíno cristianismo se atreve a dizer que o amor de Deus é incondicional. Não é portanto um exagero afirmar que o cristianismo é a religião da graça.

No Novo Testamento, graça é o termo grego *caris*, cujo significado básico é “graciosidade”, “atratividade” ou até mesmo “charme”.

Entretanto, quando esse termo é usado teologicamente no Novo Testamento, reflete um uso inteiramente cristão, denotando a atividade pessoal de Deus operando em amor na direção do homem; uma bondade espontânea e autodeterminada que era antes completamente desconhecida da ética e da teologia greco-romana, o favor ou bondade conferida a alguém que jamais poderia merecer.

Sempre que aparece nas Escrituras, graça é imerecida, em nada dependente do que o recipiente faça ou deixe de fazer. Nunca é o que ele ou ela merecem - é sempre movida pela bondade daquele que a outorga.

A idéia bíblica da graça é que ela é livre e auto-originada, procedendo de alguém que poderia ou não concedê-la.

A graça de Deus é o amor manifestado livremente a pecadores culpados, apesar de sua total falta de merecimento e, em muitos casos, apesar de sua rebeldia aberta contra Deus e sua vontade.

Graça é Deus derramando amor, perdão, bondade, e benção sobre alguém que só merecia castigo e condenação.

Graça, na linguagem de Philip Yancey,

“Significa que não há nada que eu possa fazer para Deus me amar mais, e nada que eu possa fazer para Deus me amar menos.”

A Necessidade Da Graça De Deus

Não adianta tentar negar. Nós temos a tendência de possuir uma opinião elevada demais acerca de nós mesmos. Isso acontece porque gostamos de nos comparar com outros, e em especial com aqueles que cremos ser piores ou mais pecadores do que nós.

Equivocadamente nós raciocinamos: *“Graça é para ladrões, assassinos, adúlteros, etc. Eu não sou perfeito é verdade, mas também não sou uma má pessoa.”*

Mas, afinal de contas, quem precisa de graça?

A resposta a essa pergunta depende em parte do padrão que usamos para avaliar a nós mesmos.

Alguém pode ser moralmente digno, um bom vizinho, um cidadão exemplar, um bom pai e esposo, isso quando avaliado por padrões humanos. Mas quando comparado com um Deus absolutamente santo e justo, percebemos nossa condição espiritual desesperadora, nossa necessidade da graça de Deus.

Não adianta nos comparar com outros. O que importa é o que acontece quando nos comparamos com Deus.

Não podemos olhar pelo lado errado do telescópio, por assim dizer. Em outras palavras, nós estamos muito mais distantes de Deus do que imaginamos ou desejamos. Quanto mais compreendermos quem Deus é, mais reconheceremos quem somos e o quanto carecemos sua graça.

Durante a II Guerra mundial, as forças militares japonesas amontoaram dois mil estrangeiros em um campo de internamento instalado em uma base missionária na China.

Entre os homens de negócio, educadores, missionários e outros ocidentais estava um professor universitário de nome Langdon Gilkey.

Para sobreviver naquele ambiente hostil, eles foram forçados a criar sua própria micro-civilização.

Por dois anos e meio Gilkey observou aquele grupo lutando para manter o padrão de vida no campo suportável, e como progressivamente o egoísmo inato de cada um se manifestava com maior intensidade. Alguns tentavam conquistar mais espaço; outros roubavam as rações de outros; suplementos extras recebidos não eram compartilhados.

Gilkey concluiu que as pessoas não estão basicamente interessadas no bem da sociedade. Seres humanos são essencialmente auto-centralizados.

A Palavra de Deus é inequívoca quando descreve a natureza humana:

“...Pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus.” Rom. 3:23 (NVI)

“Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados.” Efé. 2:1 (NVI)

“Sabemos que tudo o que a lei diz, o diz àqueles que estão debaixo dela, para que toda a boca se cale e todo o mundo esteja sob o juízo de Deus.” Rom. 3:19 (NVI)

A grandiosidade da graça de Deus só se manifestará plenamente sobre o pano de fundo da pecaminosidade e total depravação humana.

De fato, a doutrina bíblica mais fácil de se crer e provar é a da pecaminosidade humana. Como alguém já disse, “a história do mundo é o juízo do mundo.”

Romanos 1:18-3:23 é, sem dúvida, o mais completo tratamento da pecaminosidade humana encontrado nas Escrituras. Neste texto, o apóstolo Paulo oferece uma clara, objetiva e honesta descrição do pecado, enfatizando sua universalidade e magnitude (totalidade).

Quando buscamos um homem justo, todos estão excluídos; quando buscamos um homem pecador todos estão incluídos. O pagão que abertamente expressa sua pecaminosidade, está condenado (Rom. 1:32); O moralista que busca encobrir o seu pecado alegando sua “moralidade”, está condenado (Rom. 2:1); O religioso que procura compensar seu pecado com o pretexto da religião, está condenado (Rom. 2:23,24; 3:9).

O pecado corrompe todos os homens e corrompe o todo do homem. O pecado ataca e afeta toda a natureza humana. Romanos 1:28-31 e 3:10-17 podem ser descritos como um inventário das más ações do homem. O caráter, as palavras, as atitudes, as ações, as relações, em suma cada dimensão da existência humana, individual e coletivamente, estão irremediavelmente tingidas pela mancha do pecado.

Não é a toa que o veredito final de Deus é arrasador e inapelável: *“...que toda a boca se cale e todo o mundo esteja sob o juízo de Deus.”* Rom. 3:19

A mensagem do evangelho é positiva. Mas, a mensagem do evangelho é também realista. O evangelho é a eficaz resposta, a providência de Deus para o problema do homem. O evangelho é para pecadores. Os benefícios do evangelho só serão apropriados por aqueles que sincera e humildemente reconheçam sua pecaminosidade e total dependência da graça de Deus.

Um pregador do evangelho que falha em conduzir seus ouvintes a uma genuína convicção de pecado está colocando em sério risco o destino

eterno dessas pessoas. Que possamos testemunhar como o apóstolo Paulo: *“Portanto, eu lhes declaro hoje que estou inocente do sangue de todos. Pois não deixei de proclamar toda a vontade de Deus.”* (Atos 20:26,27 NVI)

“Aquele que está seriamente convencido de que merece ir para o inferno tem menor probabilidade de ir para lá, ao passo que aquele que acredita que é digno do céu, por certo jamais entrará nesse lugar bendito.”

W. Tozer

A Graça De Deus Na Salvação

Certos restaurantes muito finos possuem um rígido código de vestuário. Para clientes do sexo masculino, esses estabelecimentos normalmente exigem o uso de gravata.

Mas, o que acontece se você tentar entrar em um desses restaurantes sem gravata?

Opção nº 1 - Você é barrado na entrada e convidado a procurar outro estabelecimento.

Opção nº 2 - Você é educadamente informado sobre as regras da casa mas é permitido entrar assim mesmo

Opção nº 3 - Uma gravata lhe é emprestada pelo restaurante.

Se você escolheu a 3a. opção, você acertou.

Eu creio ser essa uma ilustração de como a graça de Deus opera em nosso favor. Uma ilustração imperfeita, é verdade, mas mesmo assim, pertinente.

Alguém já disse que a graça de Deus é a soma total de tudo aquilo que Ele exige e provê em Cristo Jesus. É o favor imerecido de Deus para conosco. É o empobrecimento voluntário de um para o enriquecimento imerecido de muitos.

Portanto, é simplesmente impossível se falar de salvação sem se falar da graça de Deus. Isso é explicitamente declarado em Efésios 2:8 que afirma inequivocamente:

“Pois vocês são salvos pela Graça.”

Não seria então, exagero afirmar que as mais importantes palavras em toda a Bíblia são: *“pela graça!”* Tudo o que tenho ou terei; tudo o que sou ou serei pode ser resumido em duas palavras: *“pela graça”*.

Nenhuma verdade ou ensino no Novo Testamento é mais vital, mais importante do que o fato

que a salvação é obtida pela fé como um dom gratuito de Deus.

Portanto, entender como a graça de Deus opera é urgentemente necessário e especialmente difícil e no contexto brasileiro, cuja cultura religiosa popular trata Deus por meio de uma ou outra de duas perspectivas irreconciliavelmente antagônicas e errôneas.

Por um lado, Deus é visto como um juiz irado, com um chicote na mão, pronto para nos punir sempre que o aborrecemos. Daí a necessidade da intervenção constante da “mãe” bonachona que consegue apaziguar a ira do pai. Como resultado, um complexo aparato religioso e cerimonial foi desenvolvido, visando levar o homem a merecer a graça de Deus.

A outra visão, cada vez mais popular especialmente entre os “famosos”, retrata Deus como o “cara lá de cima”, bondoso, compreensível, cuja grande preocupação é tornar a nossa vida melhor, mais agradável. Essa perspectiva, é sem dúvida, o que norteia os neo-pentecostais, para os quais, Deus é uma espécie de “Silvio Santos Cósmico”, perguntando: “Quem quer dinheiro?” “Quem quer emprego?” “Quem quer saúde?”

Em Galátas 2:21 o apóstolo Paulo afirma: *“Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça vem pela Lei, Cristo morreu inutilmente!”* (Galátas 2:21 NVI)

Em outras palavras, aquilo que era impossível obtermos pela Lei, recebemos hoje pela graça. Ou ainda, se houvesse qualquer outro meio através do qual pudessemos ser salvos, Deus com certeza teria poupado a vida do seu único e amado Filho.

É somente pela infinita e incompreensível graça de Deus que um pecador perdido pode ser perdoado. Nós não somos salvos por nossa moralidade ou religiosidade. Não somos salvos por nada que façamos ou deixemos de fazer. Não somos salvos

pelo nosso esforço próprio ou por meio de qualquer cerimônia religiosa. Como alguém já disse, tentar salvar a nós mesmos é como pendurar uma arroba de maçãs em um poste e esperar que ele se transforme em uma macieira.

Salvação não significa que recebemos de Deus o que merecemos; salvação significa que recebemos de Deus o que não merecemos. Se Deus, em sua justiça e santidade nos desse o que merecemos, condenação e morte seriam invariavelmente o que receberíamos (Rom. 3:19,20; 3:23; 6:23a). Entretanto, por sua Graça Deus nos outorga o que não merecemos. Assim, salvação e vida são nossas em Cristo Jesus (Rom. 3:21-26). Graça não nos dá o que merecemos; graça nos dá o que precisamos.

Tal conceito é incompreensível para alguns e

inaceitável para outros. Alguns consideram a si mesmos ou a outros tão pecadores que duvidam da possibilidade do perdão de Deus. Outros, por não considerarem a si mesmos e a outros tão maus, deduzem que com um pouco de esforço podem merecer o perdão de Deus.

O fato é que não há ninguém suficientemente bom que não precise da graça de Deus e ninguém suficientemente mau que não possa ser alcançado pela graça de Deus. Sem a graça de Deus estamos todos na mesma condição - *“Não há nenhum justo, nem um sequer”* (Rom. 3:10). Pela graça de Deus desfrutamos todos da mesma benção - *“... Justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus.”* (Rom. 3:24)

A Dispensação Da Graça De Deus

Uma discussão sobre a graça de Deus não seria completa sem levarmos em consideração o uso especial do termo graça encontrado em algumas epístolas paulinas e em especial em Efésios e Colossenses.

Em Efésios 3 o termo GRAÇA ocorre associado ou subordinado ao termo grego *oikonomia* (dispensação, administração na NVI) como o título ou nome da presente era do plano de Deus, na qual a salvação chegou aos gentios independentemente da Lei Mosaica e da nação de Israel.

Como consequência, a Teologia Dispensacional defende a singularidade da presente era da Igreja, disassociando-a do Israel do passado, sua Lei e sua terra, bem como do futuro Reino Messiânico, reivindicando que entre essas duas eras do plano redentivo de Deus (Lei e Reino) está em operação a dispensação da graça de Deus.

Evidentemente, tal conclusão depende de como interpretamos o uso paulino de *oikonomia*.

De acordo com J. Reuman, *oikonomia* apresentava uma variedade de significados na literatura do primeiro século: “administração (regulamento) de uma residência, a administração de uma casa aristocrata, especialmente referente ao treinamento dos filhos por um escravo residente, a administração de bens e

propriedades como na parábola de Lucas 16:1-8; as atividades dos administradores públicos, e até mesmo um acordo, transação ou contrato legal.

Antes de Paulo, os Estóicos já conferiam uma conotação teológica ao termo quando falavam da *oikonomia* de Deus sobre o universo. Uso semelhante é encontrado na literatura judaico-helenística do período intertestamentário.

Podemos concluir que *oikonomia*, um termo administrativo/legal, foi adaptado por Paulo no Novo Testamento para descrever o estágio atual do plano redentivo de Deus, da mesma forma que o Velho Testamento assimilou o termo aliança ou pacto.

Em Efésios e Colossenses, Paulo usa *oikonomia* em referencia a uma *oikonomia* particular - um plano, arranjo ou programa específico - uma era da história redentiva na qual opera uma combinação singular de dinâmicas, poderes e resultados: evangelho, graça, reconciliação étnica e social, o senhorio de Cristo, a Igreja que é o Corpo de Cristo, libertação da Lei, etc.

Quando vistas em conjunto, as quatro passagens pertinentes em Efésios e Colossenses apresentam uma série de conceitos repetidos e interdependentes (Efésios 1:10; 3:9; 3:2-5; Colossenses 1:25):

- O contexto histórico representado nos textos é a missão aos gentios sob a liderança de Paulo e refere-se à universalidade da missão paulina aos gentios;

- Os textos conectam o plano de Deus com a revelação do mistério a Paulo o qual não fora dado a conhecer aos homens em prévias eras da história da redenção;

- O mistério não é a salvação dos gentios ou o evangelho, mas o fato que gentios e judeus, reconciliados em Cristo, são unidos em um corpo, uma igreja igualitária, formando assim uma terceira humanidade;

- A formação da igreja da reconciliação é a manifestação do senhorio de Cristo sobre todas as coisas, de acordo com Efésios 1:10.

Inúmeras referências nas epístolas paulinas colocam Lei e Graça, temporal e/ou qualitativamente em direto contraste (antes / agora) ou afirma a recente epifania (aparição) da “graça” na história bíblica da redenção: (Tito 2:11; Romanos 3:21-23; Romanos 6:14; Gálatas 2:21; Romanos 4:15,16; Romanos 5:20; Gálatas 5:4)

Nesses textos, graça personifica o poder de Deus para a salvação dos gentios independentemente ou além da Lei Mosaica.

Na presente dispensação, a salvação está disponível a toda a raça humana sem a intermediação de Israel e sua Lei. Graça alcança além da Lei; Graça continua onde a Lei parou; Graça faz o que era impossível à Lei; Graça provê vitória sobre forças sobre as quais a Lei era ineficaz - o pecado, a carne e a morte.

Paulo refere-se à Lei Mosaica e não a meros abusos farisaicos, quando limita radicalmente o seu uso na presente dispensação, reivindicando que justificação e santificação ocorrem independentemente da Lei: justificação procede da fé em Cristo e santificação resulta da transformação do crente e da plenitude do Espírito Santo.

É necessário deixar claro o seguinte: salvação sempre foi e sempre será pela graça de Deus por meio da fé (Romanos 4). Em nenhuma dispensação o ser humano foi ou será capaz de salvar a si mesmo, ou de sequer contribuir de alguma forma para sua salvação.

Quando contrasta Lei e Graça, Paulo não está contrastando dois meios ou métodos de salvação - salvação pela Lei versus salvação

pela Graça. O contraste é entre duas eras distintas do plano redentivo de Deus. Na linguagem de Efésios e Colossenses, duas oikonomias (dispensação, administração), dispensações temporal e qualitativamente senquenciadas.

O plano, ou administração, ou dispensação da graça de Deus (Ef. 3:2) é uma era do plano redentivo de Deus temporalmente posterior e qualitativamente superior à Lei. Como um princípio, graça esteve sempre presente na relação do homem com Deus. Entretanto, como uma dispensação, Graça é uma epifania recente (Tito 2:11).

Tal conclusão é substantiada pelo fato de que Paulo, em Efésios 3, refere-se à dispensação da graça de Deus (3:2) e a “dispensação do mistério (3:9) virtualmente como sinônimos.

De acordo com Efésios 3:3-5, o mistério foi dado a conhecer a Paulo por revelação. O mistério não foi dado a conhecer aos homens noutras gerações.

Em Efésios 3:9,10, o termo "oculto" é qualificado pela expressão "en to theo" - "em Deus" demonstrando que o mistério estava oculto em Deus, não no Velho Testamento, ou mesmo nos evangelhos.

Além de Efésios 3 muitos outros textos nas epístolas paulinas representam a presente era do plano redentivo de Deus como um mistério oculto em Deus, sem que houvesse qualquer conhecimento ou presença dele em períodos históricos anteriores, nem mesmo de forma velada ou figurativa. (Romanos 16:25,26; I Cor. 2:6-8; Efésios 3:3-5; Colossenses 1:26,27).

Resumindo:

A “dispensação da graça de Deus” é o termo usado por Paulo para descrever a presente era do plano redentivo de Deus, a qual, de acordo com Efésios 3 estava oculta ou guardada em Deus até que foi revelada ao apóstolo Paulo e através dele a nós;

A presente era pode ser chamada também de a era da Igreja, pois de acordo com Efésios o mistério é a Igreja, o Corpo de Cristo, um organismo vivo formada por judeus e gentios reconciliados, em total igualdade e independente da Lei Mosaica e da nação de Israel.

A Graça De Deus Na Vida Cristã

Esse capítulo trata da natureza do andar do crente. Esse é um assunto muito importante, especialmente porque muitos dos nossos opositores afirmam que graça demais leva a indulgência, e que o dispensacionalismo é meramente um exercício mental que produz intelectualismo e não espiritualidade. Nós enfatizamos, sim, o evangelho da graça de Deus e a dispensação do mistério, mas enfatizamos também o fato que essa verdade traz em si a responsabilidade do cristão em viver o mais elevado padrão espiritual. Nossa declaração doutrinária sumariza o que nós cremos:

“Por causa da vitória de Cristo sobre o pecado e da habitação do Espírito, todo o cristão pode e deve experimentar libertação do poder do pecado pela obediência a Romanos 6:11, mas negamos que o pecado seja completamente erradicado nesta vida (Rm. 6:6-14; Gl. 5:16-25; Rm. 8:37; II Co. 2:14; 10:2-5)”.

DEFINIÇÃO DE GRAÇA

Antes de começarmos a nos entender, é necessário definir alguns termos. Aparentemente, muitas pessoas entendem graça como um meio de escape fácil, de aproveitar-se da generosidade de outros, de fugir da responsabilidade esperando que outro assuma. Para tais, é claro, graça é um princípio perigoso. Eles diriam que graça demais é licença demais; graça produz indulgência; liberdades devem ser limitadas; o homem deve ser submetido a uma lei rígida, se esperamos obediência.

Quão diferente de tudo isso é o conceito bíblico de graça. É tão diferente, que Romanos 6:14 declara: “pois o pecado não terá domínio sobre vós, porque não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Essa passagem afirma o seguinte: o cristão não está sob a lei, mas sob a graça. Graça não nos dá liberdade para pecar. Pelo contrário, estar sob a graça é a única condição na qual o cristão pode ser liberto do domínio do pecado; em contra partida, estar sob a lei é estar sob o domínio do pecado.

Graça começa no Calvário, onde Jesus morreu pelos nossos pecados. Graça não ignora, graça julga o pecado - paga o preço do pecado e o remove do caminho. A vida do cristão sob a graça é fundamentada no fato de ele ter morrido para o pecado na pessoa de um substituto, o Senhor Jesus Cristo, e de ter ressurgido com Ele para andar em novidade de vida. Deus nunca esperaria que um homem natural vivesse sob a graça,

pois ele não faria outra coisa a não ser frustrar essa graça e usá-la como desculpa para indulgir na carne. Mas, para o cristão, o velho homem foi crucificado com Cristo e portanto ele pode considerar-se morto para o pecado, mas vivo para Deus. Em outras palavras, a vida na graça é fundamentada na ressurreição. Os cristãos irão denegrir a graça, sempre que falharem em considerar a si mesmos mortos para o pecado. Meramente expor esses fatos em uma declaração doutrinária, não garante ao cristão vitória pela graça - é necessário que haja um reconhecimento pessoal da realidade de nossa identificação com Cristo. Entretanto, o caminho da vitória é sempre a graça. Isso tudo deixa claro que a mera idéia de permitir o pecado em nossa vida, é totalmente estranha ao ensino da graça.

O ANDAR NA GRAÇA É SOBRENATURAL

Cremos que, sob a graça, devemos viver um estilo de vida sobrenatural, infinitamente mais elevado do que o exigido sob a lei. Entretanto, não devemos esperar que alguém viva esse estilo de vida meramente por subscrever essa ou qualquer outra declaração doutrinária. Cremos que é necessário constante estudo e meditação na Palavra de Deus, e constante e consciente dependência no poder do Espírito Santo que habita em nós, se desejamos tomar posse da vitória que a graça pode nos dar. Sabemos dos perigos que o cristão corre por causa da sua velha natureza pecaminosa (a qual está morta apenas pelo reconhecimento da fé). Nós sabemos que é possível nos tornar orgulhosos pelo conhecimento, mas isso não é um perigo exclusivo do dispensacionalismo. Muitos que nunca sequer ouviram falar nessa palavra, se tornam orgulhosos ao lidar com a Palavra de Deus. Sabemos também que é possível transformar a graça de Deus em licenciosidade, mas isso não é razão para minimizar a graça de Deus. Todos sabemos do perigo de se falsificar a moeda do país, mas nem por isso destruimos nosso dinheiro. É preferível alertar uns aos outros para não sermos enganados pelo que é falso. Assim, cremos ser o nosso dever ensinar e pregar constantemente a graça de Deus, afim de doutrinar os santos com o verdadeiro significado e responsabilidade de se viver sob a graça, de tal maneira que possam discernir o que é contrário e possam viver uma positiva vida de piedade.

Tito 2:12 afirma que, ao contrário de estimular o descuido e o pecado, graça nos disciplina a abandonar a impiedade e as paixões mundanas,

e nos estimula a viver, no presente século, de modo sóbrio, justo e piedoso. Essa disciplina dura a vida inteira. Nunca, neste lado da eternidade, chegaremos ao ponto de não mais precisá-la. Deus tornou possível que não pequemos, mas Ele não tornou impossível que peguemos. Enquanto estivermos no corpo, o Espírito militará contra a carne e a carne contra o Espírito. Mas se andarmos no Espírito, não satisfaremos os desejos da carne.

ANDAR NA GRAÇA É ESPIRITUAL

Nosso andar deve ser espiritual, ou seja, deve ser controlado pelo Espírito. Muitos acham que ser espiritual é ser gentil e bondoso, orar muito e envolver-se em certos atos piedosos. Na verdade, uma pessoa pode fazer tudo isso e não ser espiritual. Espiritualidade consiste em ser cheio do Espírito, na medida em que Ele produz a vida de Cristo em nós. Verdadeira espiritualidade produzirá o fruto do Espírito, mas cremos que é impossível alguém ter verdadeira espiritualidade a não ser através do conhecimento da palavra de Deus, manejada corretamente. O Espírito de Deus sempre opera através de Sua Palavra revelada e, para andarmos prudentemente como sábios (Ef. 5:15), é necessário conhecer a vontade de Deus revelada em Sua palavra. Conhecer a Bíblia, contudo, não é suficiente; precisamos conhecê-la "manejada corretamente". Devemos discernir a vontade de Deus e as Suas instruções particulares para o Corpo de Cristo nessa dispensação. Cremos que isso é encontrado nas epístolas paulinas, como diz o Dr. Scofield em sua Bíblia Anotada (como já citamos anteriormente): "Somente em seus escritos (de Paulo) encontramos a doutrina, posição, andar e destino da Igreja". Nessa dispensação, o andar cristão digno e equilibrado depende de conhecer a revelação que o Cristo glorificado, confiou ao apóstolo

Paulo. Em suas epístolas encontramos as mais elevadas verdades da Bíblia.

ANDAR NA GRAÇA É ESCRITURÍSTICO

Aqui há algumas referências paulinas sobre o nosso andar: "andemos nós também em novidade de vida" (Rm. 6:4); "não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm. 8:4); "andemos honestamente, como de dia" (Rm. 13:13); "andai no Espírito, e não satisfareis à concupiscência da carne" (Gl. 5:16); "andeis como é digno da vocação com que fostes chamados" (Ef. 4:1); "não andeis mais como andam os outros gentios" (Ef. 4:17); "andai em amor, como também Cristo vos amou" (Ef. 5:2); "andai como filhos da luz" (Ef. 5:8); "vede prudentemente como andais" (Ef. 5:15); "andai dignamente diante do Senhor" (Cl. 1:10). É interessante notar que isso é resultado de estarmos cheios do conhecimento da Sua vontade em toda sabedoria e entendimento espiritual; "Assim como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim também andai nEle" (Cl. 2:6); "andai em sabedoria para com os que estão de fora" (Cl. 4:5); "como recebestes de nós, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, assim andai, para que abundeis cada vez mais" (I Ts. 4:1); "não andamos com astúcia nem falsificamos a palavra de Deus" (II Co. 4:2).

Quando consideramos que quase metade das ocorrências do termo "andar" no Novo Testamento é encontrada nas epístolas paulinas, e que praticamente todas as referências à natureza do andar cristão são paulinas, deveríamos nos convencer da necessidade de ser paulino, se desejamos que nosso andar seja digno do Senhor. Somos salvos totalmente pela graça. Nosso andar é pela graça e nosso serviço é a manifestação da graça de nosso Senhor Jesus Cristo (II Co. 8:7-9)

Extraído do livro "Bible Truth", por Charles F. Baker, publicado em Português em forma apostilada sob o título "O Que Nós Cremos". Traduzido Por Jule Rose Rocha Rios e Pr. Urian Rios

TEOLOGIA DISPENSACIONAL

O Que É Uma Dispensação?

O Novo Testamento identifica certos termos especiais como categorias ou conceitos abrangentes, que descrevem como Deus tem lidado com o homem na história da redenção. Os mais óbvios são: Lei (Luc. 16:16), Promessa (Gal. 3:17-18), Governo (Rom. 13:1-7), Consciência (Rom. 2:13-15), Reino (II Tim. 4:1) e Graça (João 1:17; Efe. 2:8). Podem é claro, haver outros que ainda não vimos, ou pelo menos que ainda não vimos a importância. Efésios 3:1,2 sugere que todos esses termos podem representar dispensações. Este texto relaciona a "graça" ao termo "dispensação" quando fala da "dispensação da graça de Deus..."

O termo grego traduzido "dispensação" é *oikonomia*. O seu significado tem sido discutido constantemente em livros-texto e outros materiais de origem dispensacional. Quer traduzida como "arranjo", "administração" (NVI em Efésios 3:2,9 - como muitos dispensacionalistas têm insistido por muito tempo), "plano" ou "regras de uma residência", está bastante claro que ela denota a administração de um aspecto particular do plano de Deus para a salvação do homem. Tanto o termo "dispensação" quanto os nomes dos vários arranjos (promessa, lei, graça, etc.) são bíblicos e mencionados como sendo eras redentivas nos textos citados acima.

A definição de Scofield (1909) tem sido considerada padrão entre dispensacionalistas: uma dispensação é *"um período de tempo durante o qual o homem é testado com respeito a alguma revelação específica da vontade de Deus"*. Os editores da *New Scofield Reference Bible* (Nova Bíblia Anotada de Scofield) de 1967, não viram nenhuma necessidade de modificar esta definição, então ela foi deixada intacta, exceto pelas palavras *"a sua obediência"* que foram inseridas após a palavra *"respeito"*. Aproximadamente na mesma época (1965), contudo, Ryrie começou a reivindicar a idéia de um teste como sendo uma característica meramente secundária de uma dispensação, eliminando a noção de um período de tempo de sua definição, de seu esboço de "características primárias", e até de sua discussão de "características secundárias". Baker, cauteloso em não ler demais na definição, apenas afirma que *"a idéia de Scofield, de Deus testar os seus dispenseiros não é totalmente infundada"*. Ele finalmente adota a definição revisada de Ryrie - *"Uma dispensação é uma distinta economia no desenvolvimento do propósito de Deus"* - mas duvida que a ausência de qualquer referência ao tempo seja apropriada.

O que tem acontecido com a definição original de Scofield? Claramente ela tem sido revisada radicalmente. Bem cedo, talvez, já em meados dos anos quarenta, a idéia de uma dispensação como sendo primariamente um período de tempo, estava sob severo criticismo pelos próprios dispensacionalistas. Enquanto que as dispensações ocorrem em tempo, a ênfase bíblica em um período de tempo não é evidente.

A teologia dispensacional também recebeu um forte criticismo por introduzir a noção de dispensação como um teste. Ryrie e Baker refletiram sobre isso e na verdade existem problemas aqui. A idéia de um teste não é encontrada claramente no uso bíblico do termo "dispensação", embora, é claro, as idéias de responsabilidade e fidelidade estejam presentes. Adicionalmente, a idéia de um teste parece enfatizar Deus como que jogando jogos derrotistas com o homem - um elemento que talvez tenha encorajado o tom pessimista da teologia dispensacional. Um terceiro problema que tem recebido criticismo é o fato de que enquanto ele não o inclui em sua definição, Scofield apresentou a noção, segundo John Nelson Darby (por quem ele foi profundamente influenciado), que cada dispensação termina em fracasso e julgamento. Esta ênfase dá ao propósito de Deus um tom realmente muito negativo e tenebroso; pior que isso, não está claro se as dispensações da Promessa (Êxo. 19) e da Lei (Lev. 16:16) terminam com um julgamento.

Tais problemas explicam porque do grande debate quanto à definição de "dispensação" que hoje vemos na Teologia Dispensacional. Não se deve desencorajar este desenvolvimento contudo, pois ele é um sinal de amadurecimento de uma teologia relativamente nova. Ao fazer isso, a Teologia Dispensacional está respondendo a criticismo tanto de dentro quanto de fora e suas idéias serão mais refinadas como resultado. Pode-se ver tal refinamento na definição radicalmente revisada de Ryrie de uma dispensação como uma *"distinta economia no desenvolvimento do propósito de Deus"*. Mas, mesmo aqui, não está claro como a palavra *"economia"* ajuda. Por que simplesmente não tomar um elemento de significado regular em *oikonomia* como uma pista e traduzir *"administração"*? uma dispensação pode então ser definida simplesmente como *"um arranjo administrativo distinto no desenvolvimento do propósito de Deus"*. Contudo, mesmo isso parece incompleto; talvez a sugestão de uma *"uma revelação particular da vontade de Deus"* deva ser considerada como também alguma afirmação sobre o termo característico do arranjo - lei, promessa, reino, etc. Vamos apanhar os pedaços e tentar novamente: *uma dispensação é um arranjo administrativo divinamente revelado, representando uma fase da história da redenção designada por um termo bíblico descrevendo o aspecto principal da administração*. Esta abordagem tem as vantagens de: 1) evitar as ambigüidades da idéia do teste-fracasso-julgamento; 2) incluir a idéia de um termo primário para cada administração 3) manter vivo o elemento de tempo por sugerir fases ou eras do plano de Deus na história.

Teologia dispensacional acredita em um número de tais administrações: Inocência Consciência,

Governo Humano, Promessa, Lei, Graça, Reino, talvez mais de sete, talvez menos, se algumas dessas se provarem incorretas. Vamos explorar estas sete tradicionais um pouco mais.

Primeiro, vindo de trás para a frente, Reino, Graça, Lei e Promessa são claramente identificadas por Paulo como existindo em uma ordem sequenciada.

O governo certamente é um aspecto do método de Deus lidar com o homem, de acordo com Romanos 13:1-7; ele parece ter sido instituído de uma maneira formal com Noé, em Gênesis 9 e também caracteriza a narrativa de Gênesis 9-11. Assim, enquanto o "Governo humano" não é especificamente identificado como uma era da história da redenção no Novo Testamento, é um termo ou arranjo da relação Deus-homem e tem um lugar específico e distinto na história. Em Gênesis 9-11 ele parece ser a principal provisão de Deus para o homem, pelo menos por um breve período.

A Consciência também não é periodizada por Paulo, mas em Romanos 2:13-15 ele certamente usa a consciência como um termo descrevendo um método de Deus lidar com o homem. Sendo que Deus lida com todo o mundo não judeu por meio da consciência, parece correto ver isso como sendo a maneira característica em Gênesis 3-11.

Inocência não é um termo encontrado em lugar nenhum com respeito à relação de Deus com Adão antes da queda, mas é uma maneira apropriada de descrever a falta de conhecimento moral de Adão, observada em Gênesis 2:17 e 3:5,7. Portanto, há boa evidência para as sete dispensações serem reconhecidas como arranjos administrativos sequenciados estabelecidos por Deus.

Em segundo lugar, a Teologia Dispensacional tem claramente equivocado-se, quando sugere que essas dispensações existem totalmente independentes umas das outras. Elas são apoiadas uma sobre a outra, de tal maneira que simultaneamente existem continuidade e descontinuidade (distinção, diferenciação).

Por exemplo, a Consciência, foi aparentemente, a única maneira de Deus lidar com o homem de Adão a Noé, mas quando o Governo é adicionado, a consciência não deixa de operar. Ela continua, de acordo com Romanos 2:13-15, a instruir o homem através de sua história nos mandamentos (não escritos) de Deus. O Governo também não cessa quando a Promessa começa, nem a Promessa quando a Lei começa, nem a Lei quando o Reino começa, e assim por diante. A Graça também continua certos aspectos de dispensações anteriores, enquanto que ao mesmo tempo muitos aspectos da Lei cessam nesta dispensação. Sobre o Reino, apenas a sua salvação está em vigor hoje - a salvação da Nova Aliança. Muita atenção deve ser dada às continuações e aos terminos, quando um estágio do plano de Deus dá lugar a outro.

Terceiro, esses arranjos administrativos são unificados sem ser uniformes, isto é, eles todos expressam aspectos do plano de Deus como o Rei, ao criar o homem e comissioná-lo com a responsabilidade de domínio sobre a terra (Gên. 1:26-30). Após a Inocência, as dispensações gradualmente desdobram provisões para o resgate do homem do poder e dos efeitos do pecado, até que, finalmente, no Reino, o Paraíso seja readquirido. Cada dispensação revela aspectos da cada vez mais completa defesa da soberania de Deus, necessitada pelo homem para cumprimento de seu domínio secundário sobre a terra. Como o grande tema da Majestade de Deus relaciona-se ao intervalo dispensacional - Graça - ainda não foi explorado pela teologia dispensacional desde que ela tem se ocupado exclusivamente em argumentar a distinção da presente era da Graça. Contudo, algo deve ser feito nesse sentido; o Senhor não deixa de ser Rei durante a dispensação da Graça.

Não há dúvida que Paulo fala de pelo menos Promessa, Lei, Graça e Reino em termos seqüenciais ou na linguagem de "tempos e épocas" (I Tes. 5:1). A Teologia Dispensacional está claramente correta em sugerir uma divisão em fases do plano de Deus na história, e em capitalizar em eventos bíblicos que ocorrem em períodos de tempo específicos. Há uma rica linguagem bíblica para o tempo tanto em largas quanto pequenas (anos, dias, eras e períodos) divisões, que já estão nas Escrituras correlacionadas com as fases do plano de Deus na história (Gal. 3:15-25, Rom. 5:12-21, I Cor. 15:20-28). Estes conceitos bíblicos estão cheios de pensamentos sobre a graciosa soberania do nosso Deus; eles nos garantem repetidamente que o Deus da história da salvação é o Deus *"que faz todas as coisas,*



MANTENHAM-SE FIRMES NA GRAÇA DE DEUS

I Pedro 5:12

É assustador como algumas pessoas entendem e ensinam o evangelho. Ou seja, como eles deturpam o significado da maravilhosa graça de Deus e da verdadeira vida cristã.

1) Há aqueles que pregam um evangelho "água com açúcar." Você só precisa proferir as palavras mágicas: "Eu creio em Jesus!" e tudo acontece - sem compromisso, sem arrependimento, sem transformação. Apenas uma fórmula.

2) Há aqueles que pregam um evangelho legalista. Como os fariseus dos dias de Jesus, os religiosos de hoje em dia acreditam que a graça de Deus está disponível a você, mas é necessário que você faça sua parte para merecê-la cooperando com Deus. Boas obras, cerimônias religiosas, promessas, orações, etc. Quanto mais você faz, mais você recebe.

3) Há ainda o evangelho da prosperidade. Deus possui toda a sorte de bens reservados para você nessa vida. Tudo o que você precisa fazer é pedir, ou melhor "decretar", afinal de contas você é "filho do rei" e tem seus direitos. Libertação de todo e qualquer mal físico; prosperidade material e até mesmo a garantia de que seu time favorito vai sempre vencer! Tudo pode ser seu. Sim, Deus é bondoso; sim,

Deus se deleita em conceder coisas boas aos seus filhos; sim, Deus tem poder para me conceder todos os meus desejos... Mas, não, esse não é o método de Deus lidar conosco. Não é assim que iremos crescer espiritualmente. Não é assim que Deus será glorificado em nossa vida

Diante de tantos falsos evangelhos, de tantas variáveis, a exortação do apóstolo em I Pedro 5:12 é urgentemente necessária e atual: mantenham-se firmes na verdadeira graça de Deus. Nos capítulos anteriores podemos entender o que a graça de Deus significava para o apóstolo Pedro:

I - A graça de Deus é necessária por causa do nosso pecado (1:18)

II - A graça de Deus foi manifesta em Cristo Jesus (1:3,18-21; 3:18)

III - A graça de Deus é recebida pela fé (1:21,22)

IV - A graça de Deus é a garantia de nossa glória futura (5:10a; 1:3-5)

V - A graça de Deus nos mantém firmes mesmo em meio a nosso sofrimento presente (5:10; 3:13-18; 4:12-16)

VI - A Graça de Deus completará a obra começada em nós (5:10; 1:3-5)



SOLA SCRIPTURA

RECURSOS PARA QUEM DESEJA MANEJAR BEM A PALAVRA DA VERDADE

ESTUDOS DISPENSACIONAIS

O Que É Uma Dispensação?
Os Dons De Línguas E De Sinais
Três Igrejas Bíblicas
O Batismo Com Água
O Que Nós Cremos

DISCIPULADO E GRUPOS PEQUENOS

Primeiros Passos Do Cristão (8 lições de discipulado)
Entendendo A Bíblia (8 lições dispensacionais auto-didáticas)
Curso Bíblico Por Correspondência (5 lições)

Sola Scriptura

Caixa Postal 4112 - Boa Viagem - Recife, PE - Cep. 51021-970
Fones: (81) 3328-6883 / 9182-4112 - e-mail: solascriptura@terra.com.br